

Administração marginaliza Jardim América e Flexal

Caracterizado pelo isolamento imposto pelas deficientes vias de acesso, Flexal tem todos os indícios do mais completo abandono por parte da atual administração do município de Cariacica. Sua população, que gira em torno de dois mil habitantes, se considera a mais carente de serviços de infra-estrutura de todo o município.

Flexal é ligado ao bairro mais próximo por uma estrada de aproximadamente oito quilômetros, que não tem calçamento e, do ponto de vista de seus moradores, este é o maior problema enfrentado pelo povoado. "Aqui não tem estrada, e quando chove nem se fala", reclama Bonifácio Avelino de Oliveira, dono da principal casa de comércio do local.

Segundo ele, animação comercial do bairro é muito reduzida, não chegando a contar com uma dezena de lojas. A mercaderia de Bonifácio não supre as necessidades de aquisição de todos os produtos alimentícios dos moradores locais, principalmente devido à dificuldade de transporte até o bairro.

"O leite, por exemplo, só começou a chegar aqui depois que a estrada foi melhorada. Antes o pessoal tinha que ir até Porto de Santana, que é o lugar mais próximo daqui, para adquirir o produto", disse Bonifácio de Oliveira. Ele informou também que esse empreendimento era dificultado devido à escassez de transporte coletivo.

Os moradores também reclamam da falta de uma farmácia e um posto médico. "Aqui quem não tiver carro para ir a Jardim América ou Cariacica para ser medicado, morre", disse Marinalva Portela, que atualmente está esperando um filho.

Não existe no bairro nenhum serviço de coleta de lixo, que é jogado na rua ou amontoado nas esquinas. Dessa forma, os moradores, são obrigados a recolhê-lo em

dejetos desagua justamente no portão da casa de seu pai, Gerson Alves Portela, tornando impossível o livre trânsito dos usuários da residência de Gerson. O quintal da casa, segundo Marinalva, tem que estar sempre coberto por tábuas de madeira servindo de passarela. "E o mau cheiro que sai daquilo lá, ninguém aguenta".

Somente a parte plana da cidade é servida por um deficiente sistema de abastecimento de água. Nos morros onde estão surgindo as primeiras edificações só os privilegiados contam com serviço de água, os demais se abastecem utilizando um poço cartesiano situado no quintal de Sebastiana Francisca Onório, que mora no bairro há 29 anos e se diz satisfeita por poder servir de alguma forma os outros moradores.

Segundo Bonifácio Avelino de Oliveira, o que mais faz falta no bairro é policiamento. O número de assaltos e crimes cresceu a partir de dois anos, quando começou a ser povoada a região montanhosa da cidade. Maria Pereira do Nascimento é a que mais reclama a falta de guarnição policial, pois teve sua loja arrombada por duas vezes e sua venda de verdura arrombada. "Meu maior medo agora também é de andar de ônibus à noite", reclama Maria Pereira, "pois vários assaltos estão acontecendo depois que começou a vir gente de fora". Denunciou ainda a falta de um sinal de passagem de nível para controlar o trânsito de vagões da Companhia Vale do Rio Doce. Falou que inúmeros acidentes vêm ocorrendo com pessoas e animais, sendo que no último uma velha de 60 anos foi colhida pelo trem.

Os loteamentos que estão sendo organizados no bairro Flexal têm dado condições à proliferação de favelas na região,

ausência de infra-estrutura, que faria da vala que corta seu terreno "um verdadeiro mangue", já que com o aumento dos moradores se multiplicaria também o número de esgotos desaguando na vala.

JARDIM AMÉRICA

Em Jardim América, também município de Cariacica, os problemas se agravam já que é um bairro que se encontra atualmente com um intenso aglomerado populacional que cresceu desproporcionalmente às condições urbanas que eram oferecidas há mais de 50 anos, quando começaram a se instalar os primeiros habitantes dos bairros atraídos pelas oportunidades de emprego na cidade.

A vala da avenida América, onde desaguam esgotos dos bairros de Jardim América e de Itaquari, que se situa no morro adjacente, não comporta, principalmente nos dias de chuvas, toda a quantidade de resíduos eliminados pela população. Aliada a isso está a drenagem deficiente devido às condições geográficas da região, quase ao nível do mar, que em épocas de cheia dificulta a vazão dos detritos no rio Marinho, receptor de todo o esgoto.

Sem proteção de qualquer espécie, as bordas da vala estão constantemente desabando, já que a terra perde a consistência em decorrência da erosão provocada pela correnteza da água. Isso tem provocado sérios acidentes, pois cada vez mais as vias de rolamento que margeiam a vala ficam mais estreitas, devido à ausência de pavimentação, dificultando o tráfego de veículos na área. Essa semana um caminhão com aproximadamente 180 sacas de café, que fazia manobras na saída de um armazém perto da vala, se projetou com todo carregamento dentro das águas.

Confirmando o desleixo da Cesan quanto aos problemas dos bairros, José



Para os motoristas, as ruas são um perigo constante

de coleta de lixo, que é jogado na rua ou amontoado nas esquinas. Dessa forma, os moradores, são obrigados a recolhê-lo em mutirão e jogá-los além dos trilhos da estrada férrea que corta a cidade. A moradora da casa número 9, na rua Amélia Siqueira — a principal do bairro — Sirena Fagundes, disse estar transtornada com a situação local, e já resolveu seu problema adquirindo casa em outro bairro para onde pretende mudar-se o mais rápido possível. Sirena Fagundes, conforme disse, é obrigada a usar o banheiro do vizinho por motivo de sua casa não contar com rede de esgoto, que já foi solicitada por várias pessoas à Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan). “Só há promessa dos políticos, que dizem que vão pelo menos calçar nossa rua, e já estou desgostosa desse lugar e quero sumir daqui”, exclama Sirena.

Apenas uma rede de esgotos improvisada foi instalada na rua, disse Marinalva Portela. A manilha escoadora dos

Os loteamentos que estão sendo organizados no bairro Flexal têm dado condições à proliferação de favelas na região, porque os lotes são vendidos sem as condições mínimas de urbanização, ou seja, não contam com rede de esgotos, de água, ou iluminação pública. Várias casas já foram construídas sendo que a maioria é de madeira apoiadas em esteios também de madeira.

A primeira etapa do loteamento feito pela Imobiliária Canaã foi aprovada pela Prefeitura, mesmo estando carregada de deficiências infra-estruturais. Os preços cobrados pelos lotes variam conforme a localização, oscilando entre Cr\$ 30 mil e Cr\$ 40 mil, nos morros; 50.000,00 a 60.000,00, na baixada; e chegando a Cr\$ 90.000,00 os situados à margem da estrada de ferro da Companhia Vale do Rio Doce.

Maria Madalena da Vitória Silva mostra-se preocupada com o possível aumento de moradores no loteamento devido à

com todo carregamento dentro das águas. Confirmando o desleixo da Cesan quanto aos problemas dos bairros, José Fernandes disse: “Aqui, na rua Paraguai, faz um mês que dois canos estão quebrados e vazando. Isso deixa a rua toda alagada e, com a poeira, isso fica uma nojeira. Apesar disso ninguém toma providências, nem a Cesan nem a prefeitura”.

— Moro aqui há 17 anos e nunca vi uma melhoria na situação dessa rua — disse Osvaldo Martins Guerra, proprietário de um bar na rua Paraguai. Segundo ele, “não adianta pedir a Cesan para tapar os buracos que existem, muito menos à Prefeitura”. Da mesma opinião compartilha o trabalhador Milton Gerônimo, morador da rua há mais de 15 anos.

Como amanhã começa a instalação das barracas para a feira livre, os moradores acreditam que a Prefeitura mande limpar a rua, que desde a última chuva se encontra em estado calamitoso, tomada pela lama. Segundo Arnaldo Silveira, “esse não é o lugar propício para a realização do comércio livre devido à falta de higiene. Os feirantes aproveitam a água da chuva e dos esgotos para lavar as verduras”, afirma indignado Arnaldo Silveira.

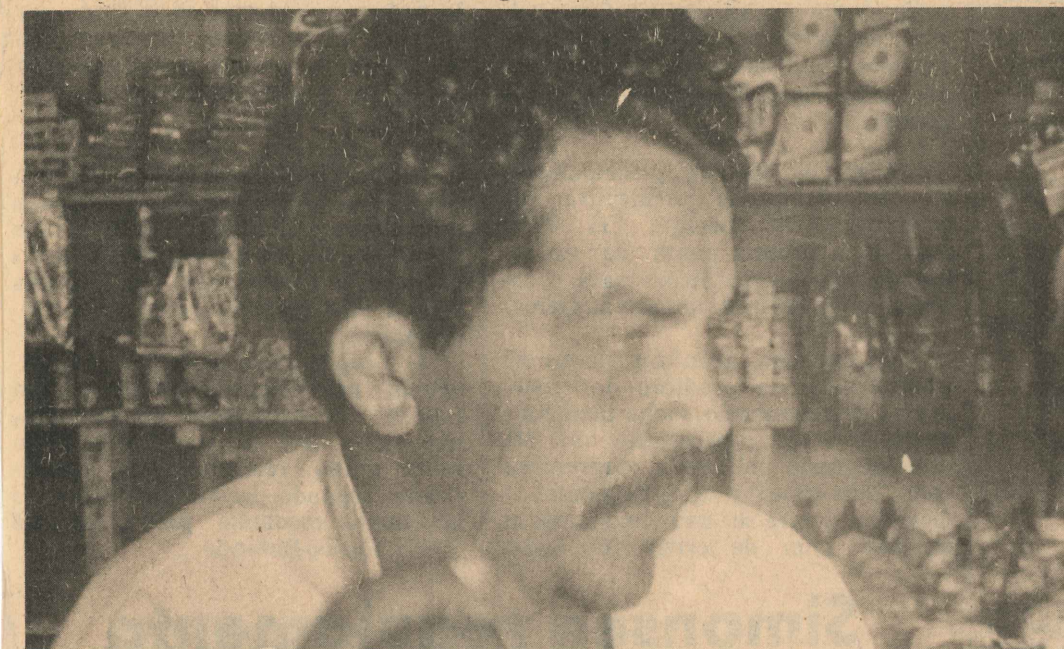
Também é comum, nos dias de sol, a morte de galinhas que são levadas para vender, que são depois abandonadas na rua. Os moradores reclamam da falta de fiscalização nos dias em que se realiza a feira livre, e dizem também que a Prefeitura demora muito para mandar limpar os restos deixados pelos feirantes.

A falta de assistência pelo órgão administrativo é notada em todo o bairro. As ruas se apresentam esburacadas, com as esquinas repletas de lixo por causa da deficiente coleta de lixo. As galerias pluviais e rede de esgotos estão constantemente transbordando pois o material utilizado na construção é de baixa qualidade e os canos são de diâmetro muito reduzido para suportar a quantidade de água que corre por eles.

Para os motoristas, as ruas são um perigo constante



Grande parte dos cariatiquenses reclama da sujeira das ruas.



Para Bonifácio Oliveira, policiamento é o que mais falta em Flexal



Em Flexal, as crianças têm estagnado no resto e desânimo



Sebastiana Osório; privilegiada por dispor de água no morro